

Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Novos olhares do cinema brasileiro – Breve panorama sobre o cineclubismo fluminense e as iniciativas governamentais para o estímulo das exibições sem fins lucrativos

Por Rodrigo Bouillet

Resumo:

A comunicação aborda aspectos do recrudescimento do movimento cineclubista no Estado do Rio de Janeiro relacionados às facilidades de acesso e exibição de material audiovisual através da vulgarização das tecnologias digitais. Assim, podemos tratar das iniciativas governamentais que investem em diferentes frentes que visam à proliferação de pontos de exibição por todo o país baseados justamente naquelas tecnologias, corroborando para a nova feição das exibições sem fins lucrativos. Concentro-me, sobretudo, em minhas experiências na ASCINE-RJ (Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro) e na ação Cine Mais Cultura, do Ministério da Cultura.

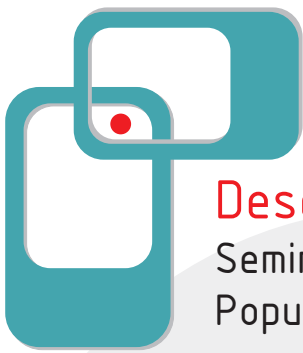
Palavras-chave: *Cineclubismo; Rio de Janeiro; ASCINE-RJ (Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro); Cine Mais Cultura; Programa Mais Cultura; Ministério da Cultura*

Após um momento de quase paralisação da produção cinematográfica nacional no começo da década de 1990, o filme brasileiro voltou paulatinamente a frequentar as telas dos cinemas. Acompanhando o quadro geral da atividade, até 2002, o cineclubismo no Estado do Rio de Janeiro operava próximo à linha da inexistência, quando então ocorreu um *boom* em sua capital. Em pouco mais de um ano, já se contabilizavam dez novos cineclubes espalhados pela cidade.

Mas, o que havia antes do *boom* de 2002?

Antes de tudo, é preciso frisar que, ao contrário dos demais estados brasileiros onde está havendo a reconstrução do cineclubismo, o Rio de Janeiro não tem em atividade um cineclube que venha operando desde meados dos anos 90 (para não voltarmos tanto assim no tempo), nem contou com uma “passagem de bastão” promovida por “cineclubistas históricos” (designação para aqueles que estão envolvidos com a atividade há um longo período). Os “cineclubistas históricos” não chegam a cinco pessoas num universo de aproximadamente cinquenta cineclubes em atividade (cada um, normalmente, composto por um grupo de pessoas).

Este caráter bastante peculiar, em última instância, adquiriu ares de ruptura acidental. Não houve relato de experiências, não há tradições a seguir.



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

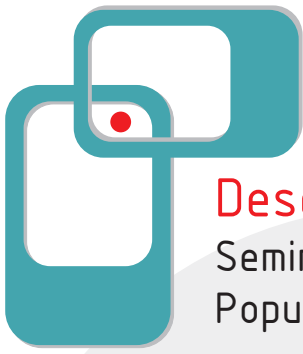
Entre 1999 e 2002, na Fundação Progresso, ocorreu a Mostra “O Que Neguinho Tá Fazendo”. Apesar do nome, a mostra tinha um caráter cineclubista, pois consistia em encontros (quase sempre) mensais onde jovens estudantes de cinema e realizadores encontravam-se para promover a exibição de seus filmes. O esquema era de “guerrilha”, os que possuíam projetores levavam seus próprios equipamentos para a garantia de realização da sessão. Os filmes, em 16mm, 8mm ou VHS chegavam, literalmente, debaixo do braço. O coletivo que capitaneava a iniciativa ainda conseguiu publicar durante certo tempo o fanzine “O Incinerasta”, nome pelo qual, por muitas vezes, ficou conhecida a mostra. No entanto, a fragilidade era patente, em seus três anos de vida foram realizadas vinte e três edições.

Em 2000, foi inaugurado em Niterói o Projeto Cineclubes Henrique Lage, iniciativa que visava exibir gratuitamente filmes em 16mm para a comunidade e para alunos da rede pública de ensino nos municípios de Niterói, São Gonçalo e adjacências. O projeto previa sessões seguidas de debates, a serem realizados por professores da Escola Técnica Estadual Henrique Lage e convidados, e contava com apoio dos acervos do CTA v e da Fimoteca do Canadá – Centro de Estudos Canadenses – da UFF. Vale lembrar que um dos idealizadores do projeto era, na época, um estudante de cinema e vídeo que também participava da Mostra “O Que Neguinho Tá Fazendo”.

Em 2001 nascia, também em Niterói, o CineOlho, desdobramento do coletivo Condomínio Cultural, que tinha pessoas egressas do curso de Cinema da UFF como organizadoras. Com a doação de dois projetores Bauer e a proximidade com o curso universitário, a exibição em 16mm era uma realidade possível e acessível.

Tomei conhecimento destas três experiências (“O Que Neguinho Tá Fazendo”, Projeto Cineclubes Henrique Lage e CineOlho) por transitar neste meio, em conversas, uma vez que essas histórias (ainda) não estão escritas. Como podemos observar, percebemos certas recorrências: a presença de estudantes de cinema (recordemos a proliferação desses cursos a partir da segunda metade da década de 1990) e da exibição em 16mm. Por muito tempo, esta ficou conhecida como a “bitola cineclubista”, uma vez que a praticidade e leveza dos projetores e dos filmes (obviamente, em comparação aos equivalentes em 35mm) facilitavam enormemente a realização das sessões.

Na década de 1980, a Embrafilme fechava o departamento que cuidava de fazer cópias 16mm de filmes originalmente em 35mm. Ao mesmo tempo, havia a progressiva diminuição da fabricação de projetores e de películas virgens em 16mm. Sendo assim, a exibição deste tipo de material tornou-se cada vez mais difícil (escassez de peças para reposição de um lado, desgaste das cópias de outro) e a produção de conteúdo a ficar restrita a pequenos círculos, como o universitário. Assim sendo, estudantes de cinema, UFF e CTA v garantiram o cineclubismo fluminense da virada do século. Ou seja, eram jovens realizadores universitários,



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

que buscavam na UFF materiais seus e de seus pares – ou ainda materiais não tão recentes, circunscritos à experiência acadêmica da realização do curta-metragem – e no CTAv filmes mais antigos e de metragem diversa.

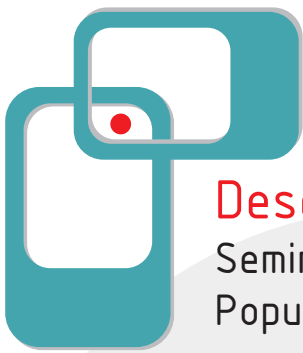
Das iniciativas citadas, apenas o CineOlho continua em atividade. Com o advento do novo século, ele passou a ter a companhia de outra leva de jovens que comungavam da mesma origem: cineastas (a maioria curta-metragistas de nível universitário) formados nesses anos de Retomada. Podemos recordar tanto o Cachaça Cinema Clube (fundado em 2002) quanto a Sessão Cineclube e o Cineclube Tela Brasilis (2003), todos organizados, em sua maior parte, por estudantes do curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF). Nessa época, a mídia digital ainda não estava popularizada, e isso estava refletido no local onde estes cineclubes foram buscar abrigo para suas sessões, os dois primeiros no CineOdeon e o último na Cinemateca do Museu de Arte Moderna – ou seja, salas de cinema convencionais, que trabalhavam primordialmente com o 35mm.

Tudo ocorreu muito rápido, e a Mostra do Filme Livre, idealizada por um ex-Incinerasta, viu a passagem da película para o digital ocorrer nas edições de 2004 e 2005. O Hi-8, o VHS e a Betacam passaram a ser preteridos pelo DVD como mídia a ser enviada para a seleção dos filmes, e o suporte digital tornou-se o majoritário para exibição. Hoje em dia, mais de 90% dos cineclubes do Estado do Rio de Janeiro realizam suas sessões exclusivamente através da projeção digital. A adesão ao meio não é sem razão, justifica-se pelo barateamento das formas de captação, manipulação, circulação e exibição do material audiovisual.

* * *

Após o recrudescimento da atividade na virada do século, foi concebida em agosto de 2004, durante a I Mostra Rio das Ostras de Cinema, a Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro (ASCINE-RJ), para atender às necessidades dos cineclubes que então se encontravam em pleno funcionamento. Em 2006, a associação teve uma diretoria de caráter provisório, e, no ano seguinte, elegeu sua primeira diretoria para o biênio 2007-2009. Hoje em dia, são vinte e sete os cineclubes filiados.

Politicamente, a atual explosão do cineclubismo em parte se deveu à rearticulação promovida a partir de 2003. Nesse ano, por iniciativa da Secretaria do Audiovisual (SAv) – composta de cineclubistas históricos –, jovens e veteranos cineclubistas foram convidados para um encontro durante o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, tendo como pauta a rearticulação do movimento. Um novo sopro de vida chegava ao CNC (hoje em dia, Conselho Nacional dos Cineclubes Brasileiros), e retomou-se a realização da Jornada Nacional de Cineclubes, encontro sob o formato de fórum de discussão e deliberação, até então anual, que



Deseducando o olhar

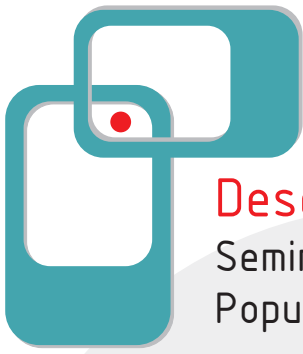
Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

desde 2006 passou a ser bienal. Nessa ocasião aconteceu a 26ª Jornada, em Santa Maria (RS), integrada ao II Encontro Ibero-Americano de Cineclubes. Provando que o cineclubismo fluminense demarcava sua importância nas mais diversas instâncias, dos doze membros eleitos para a nova diretoria, quatro representaram o estado do Rio de Janeiro, detentor do maior número de representantes – titulares e suplentes das diretorias de Projetos e Formação e de Acervo e Difusão. Além do debate sobre as propostas a serem implementadas nos próximos dois anos, houve a eleição do Presidente do CNC, Antonio Claudino de Jesus, para a Vice-presidência da Federação Internacional de Cineclubes (FICC), demonstração de reconhecimento dos esforços e organização do cineclubismo brasileiro.

Paralelamente, consolidou-se na ASCINE-RJ uma cultura cineclubista que celebra a diversidade na programação (preferências por certas nacionalidades, metragens, gêneros...); a diversidade na abordagem (perspectivas estéticas, históricas, seguidas ou não de debates); a diversidade dos locais de realização das sessões (em parceria com centros culturais, bares, salas convencionais de cinema, escolas, bibliotecas, galpões, e até mesmo a céu aberto); a diversidade na origem de seus organizadores (alunos de cinema, agitadores culturais, locadoras de filmes, professores da rede pública, ONG's, EPA's, sindicatos, ou, simplesmente, amantes da sétima arte); e a diversidade no formato de exibição (película, VHS ou digital). No Rio de Janeiro, há ainda a participação efetiva de cineclubes de unidades da rede SESC, de outras entidades cinematográficas (por exemplo, ABDeC-RJ) e culturais (o CUCA da UNE) na ASCINE-RJ. As *categorias* que fiz uso, obviamente, não são excludentes, servindo apenas de referência a certas características marcantes, sugerindo formas de abordagem no trabalho dos cineclubes. Portanto, atualmente, a prática cineclubista assume uma postura de democratização de informação, cultura e lazer muito longe de qualquer forma de restrição.

* * *

Sua primeira diretoria colegiada (de Agosto de 2006 a Abril de 2007) previa o trabalho de três pessoas (Geral, Administrativo e Financeiro). Para atender à enorme diversidade de seus filiados, decidiu-se em assembléia que todos os esforços deveriam dirigir-se para a solução de questões de interesse coletivo imediato: acervo de filmes e divulgação das sessões. Nesse sentido, houve a intensificação natural de suas relações políticas e parcerias com diversas instituições, que fizeram com que os cargos fossem aumentados para seis, agora também contando com Projetos e Formação, Acervo e Difusão e Comunicação, formando a segunda diretoria eleita (de Abril de 2007 a Abril de 2009). Da primeira participei como Administrativo e da seguinte como Geral (que teve sua designação melhor definida como Relações Institucionais), até Setembro de 2008.



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

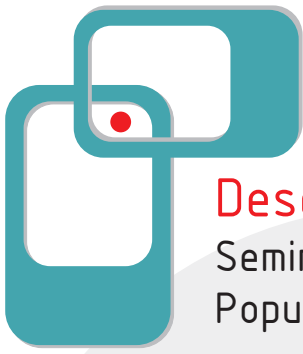
A Diretoria de Acervo e Difusão é responsável por dialogar com instituições como a Cinemateca do MAM-RJ, o CTAv e o Arquivo Nacional, visando garantir a disponibilização e a otimização de acesso dos cineclubistas aos filmes de posse e/ou guarda desses locais. Parceria semelhante foi acertada com a distribuidora carioca RIOFILME, enquanto os filmes pertencem à sua carteira, além da possibilidade de exibição de filmes em lançamento com defasagem de poucas semanas em relação ao circuito comercial de cinema. Em 2008, por exemplo, os cineclubes puderam exibir *500 Almas*, *Conceição* e *Hércules 56*. Fora doações esporádicas, a associação tem encontrado nos festivais de cinema ótimos parceiros.

A Gerência para Festivais, braço direito da Diretoria de Acervo e Difusão, é a intermediária entre a ASCINE-RJ e os festivais: os cineclubes exibem filmes dos festivais em seu período corrente, ganham espaço nos catálogos e há sempre a realização de um debate promovido pela associação; já os festivais conquistam a possibilidade de chegar a locais e públicos diversificados, uma vez que a maior parte conta apenas com um único local de exibição. Em média, 9 cineclubes se oferecem como janelas e exibem 40 diferentes filmes por festival. Além disso, os festivais passam a incluir em suas inscrições uma opção que faculta ao realizador ceder a cópia da obra encaminhada para seleção para o acervo da associação, assim como liberar previamente a exibição, por tempo indeterminado e sem ônus, para as sessões culturais e sem fins lucrativos dos cineclubes filiados. De dezembro de 2006 a Julho de 2008, a ASCINE-RJ relacionou-se com 11 festivais diferentes e estima-se que a associação adquira 200 novos títulos a cada parceria. Em alguns festivais participou ou guiou debates (como “Acervo e distribuição alternativa”, “O fim do 16mm?”, “Auto-sustentabilidade da atividade cineclubista”, “O reconhecimento institucional do cineclubismo”, e “Cineclubismo e direitos autorais”), em outros também teve a participação efetiva de seus cineclubes.

* * *

Como dito anteriormente, todas as medidas iniciais da ASCINE-RJ envolveram a questão de conteúdo. Em média, os cineclubes filiados a ASCINE-RJ (algo em torno de 30 iniciativas) promovem 40 sessões mensais exibindo 100 filmes, somando um público de 2,5 mil pessoas. O perfil das obras exibidas é extremamente amplo e está vinculado diretamente aos anseios e intenções de cada cineclube – aponte algumas *categorias* mais acima.

Quem constitui um cineclube quer ver filmes. Ou seja, a pessoa ou o grupo tem certa insatisfação com o que está sendo exibido por aí. Pode parecer que cinemas, TVs por assinatura, locadoras de DVD e tv aberta oferecem uma imensa variedade de filmes ao espectador, mas, na verdade, são sempre os mesmos títulos à disposição do público. Todas as possibilidades citadas são o caminho natural de comercialização de qualquer filme. Em janeiro



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

ele está no cinema, em junho está nas locadoras.

Nada impede de um cineclube exibir um longa-metragem blockbuster hollywoodiano tipo Indiana Jones. Mas, neste caso, a grande diferença de um cineclube para uma sala comercial de cinema, é que no cineclube há a possibilidade do debate. Após a sessão, as pessoas não são retiradas para vagar os assentos para a sessão seguinte. Elas podem ficar e trocar ideias e impressões sobre o que assistiram. Cada um dá sua contribuição, não é preciso ser entendido, *expert* ou estudioso. Quem gosta de assistir filmes acaba desenvolvendo naturalmente um olhar mais aguçado, mesmo sem perceber. E o cineclube é o local ideal para conversar sobre os filmes. Alguns cineclubes investem mais do que outros na promoção de debates, levando cineastas e pesquisadores, justamente para fornecer informações especializadas aos espectadores.

São nos debates onde as pessoas começam a reparar que Indiana Jones é apenas mais uma forma de fazer filme, de contar história, de discurso, de ideologia, de ideia de mundo. O público, então, começa a ultrapassar a relação primária com o filme, de encantamento, e, naturalmente, passa a demandar por novas experiências, pois percebe que o que Indiana Jones oferece é muito similar (alguns diriam que é “a mesma coisa”) que tantos outros filmes disponíveis nas diversas janelas comerciais já citadas.

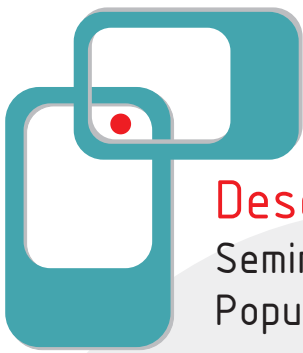
Por todos os aspectos relatados, colado à imagem do cineclubismo vem a ideia de um espaço diferenciado (por conta da possibilidade de debate) para a difusão do cinema brasileiro. Após a dessacralização do gosto médio, é de grande impressão como o público demanda maior e melhor conhecimento sobre o que é produzido no Brasil.

Recordo que em todos os encontros quinzenais que participei o assunto, programação, jamais foi objeto de pauta. Esta é a identidade do cineclube, sua impressão digital, portanto, nenhuma escolha de filmes deveria ser questionada. No entanto, é possível notar uma expressiva predileção pelo filme brasileiro, especialmente o curta-metragem. Ou seja, trata-se de uma manifestação espontânea, uma tendência inerente ao movimento de buscar alternativas ao mercado.

A partir do cultivo de novos olhares do público espectador, este começa a procurar outros novos olhares, aqueles que produzem imagens que não frequentam as telas do país diariamente, constituindo-se uma poderosa rede que se complementa e se potencializa mutuamente.

* * *

Os desafios do atual cineclubismo brasileiro são vários, mas alguns resultados já começam a ser colhidos. A partir da constituição de uma “agenda comum” entre CNC e SAV



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

iniciada anos atrás, esta lançou em 2006 o edital do Programa de Implantação de Pontos de Difusão Digital – cessão de infraestrutura de exibição audiovisual com tecnologia digital a entidades que desenvolvam ações de exibição e formação de público –, além do programa Programadora Brasil, operado pelo Centro Técnico Audiovisual (CTAv) e pela Cinemateca Brasileira – digitalização e distribuição de programas de filmes brasileiros para entidades jurídicas não-comerciais.

Em outubro de 2007, a Agência Nacional de Cinema (ANCINE) promulgou a Instrução Normativa 63, que regulamenta e reconhece a atividade cineclubista, definindo e estabelecendo normas de existência e funcionamento – primeiro de vários passos para a profissionalização da categoria.

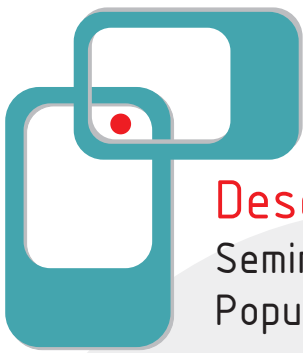
Outro debate premente é a conquista por parte dos cineclubes de direitos especiais para a liberdade de exibição (seja em película, em vídeo ou por meio digital, via *internet*), independentemente de autorização. Há uma série de leis e artigos de âmbito federal e resoluções de esfera internacional, das quais o Brasil é signatário, que atividades de âmbito eminentemente cultural entendem que podem ser aplicadas na garantia destes direitos, tendo como princípio a defesa do livre acesso aos bens culturais, materiais e imateriais, por parte de atividades culturais sem fins lucrativos. No entanto, a atual Lei de Direitos Autorais não é clara sobre a prática cineclubista – o que talvez seja mais bem elucidado a partir dos debates estabelecidos nos Fóruns dedicados exclusivamente ao tema promovidos atualmente pelo MinC e a subsequente revisão da Lei.

* * *

No encerramento do Seminário "80 Anos de Cineclubismo no Brasil", realizado dentro da programação oficial do 3º FAIA (Festival de Atibaia Internacional do Audiovisual) em janeiro de 2008, a SAv (Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura), por meio da Programadora Brasil, assinou um termo de parceria com o CNC (Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros) no intuito de contribuir para a implementação de ações que visam a democratização e a regionalização da difusão de obras audiovisuais brasileiras.

Os princípios que norteiam este acordo vieram ao encontro da ação Cine Mais Cultura, decorrência do intenso trabalho e expansão naturais da Programadora Brasil e se caracteriza, sobretudo, por atender aos propósitos do Programa Mais Cultura – dar acesso a obras e trabalhar para que a gestão cultural seja protagonizada pela população.

O Cine Mais Cultura vem para integrar, ampliar e intensificar a utilização do audiovisual nas soluções para os desafios impostos na Nova Política Social para o Brasil: Eixo Cultura, inclusive trazendo mais corpo aos temas sinalizados – destacam-se a ação conjunta



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

para a integração sociocultural das regiões do país e fortalecimento da difusão audiovisual; a formação e o aprimoramento sustentável de exibidores não comerciais em geral, em especial daqueles que atuam fora dos grandes centros urbanos e nas suas periferias; colaboração com a organização da exibição sem fins lucrativos no país.

Através de editais e parcerias diretas, a iniciativa constitui Cines através da disponibilização de equipamento audiovisual de projeção digital; obras do catálogo da Programadora Brasil; oficina de capacitação; e acompanhamento das atividades de forma direta pelo período de três meses, para esclarecimentos e orientações para um melhor início de sessões. Seu foco de atendimento prioritário são as periferias de grandes centros urbanos e ainda municípios, de acordo com os indicadores utilizados pelo Programa Territórios da Cidadania.

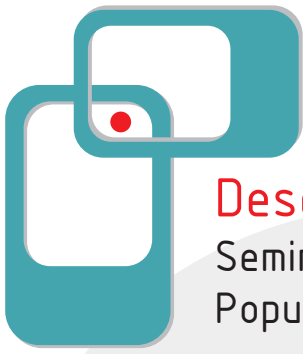
A ação será responsável pela implantação, organização e capacitação de um circuito de pelo menos 2000 Cines até dezembro de 2010, de maneira que persigam a sustentabilidade da rede formada e que a mesma se comunique com as demais redes, especialmente a cineclubista.

Embora o Cine Mais Cultura não seja uma ação para cineclubes ou para criação de cineclubes, reconhecendo a importância do movimento cineclubista para a formação e organização do público e a prática cineclubista como a mais consistente dentro do espectro não comercial, foi constituída parceria com o movimento organizado do país, o CNC, através da condução das oficinas de capacitação, da concepção e redação de manual prático sobre realização de sessões públicas não comerciais, além da monitoria.

O Cine Mais Cultura ainda é uma ação recente. Até o momento, estendeu seus benefícios aos contemplados pelo edital 2006 de Implantação de Pontos de Difusão Digital e só agora realiza, de uma só tacada, oficinas para quase 350 futuros novos Cines. Depois de implementados, as atividades dos Cines são acompanhadas por relatórios de sessões e pesquisas trimestrais. O primeiro grupo formado, advindo de 2006, mesmo recebendo gratuitamente o conteúdo da Programadora Brasil, com frequência, diversifica seu cardápio de filmes, parecendo fazer coro às inquietações dos cineclubes da ASCINE-RJ – ou ainda, reverberando uma das características mais preciosas ou genuínas da sociedade brasileira.

* * *

Procurei fazer um rápido perfil do cineclubismo brasileiro atual e das questões que o acompanham. Centrei-me, sobretudo, no relato de minhas experiências uma vez que a urgência do tema implica na impossibilidade de maiores distanciamentos e melhores elucubrações. De qualquer forma, diante dos fatos apresentados, percebe-se que o *circuito alternativo de exibição* não é alternativo por ser o lado B das salas comerciais de cinema. Em



Deseducando o olhar

Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

sua diversidade de propostas, os cineclubes oxigenam a programação cultural dos locais onde se instalam. Isto é, promovem um novo tipo de relação entre seus frequentadores e destes com as obras audiovisuais, seus realizadores e com os próprios exibidores, os cineclubistas. O respaldo social da atividade, bem como a criação de políticas públicas para o seu melhor desenvolvimento, são indicativos que evidenciam a importância da prática.

Minicurrículo:

Rodrigo Bouillet é cineclubista; pesquisador; graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense; um dos organizadores do Cineclube Tela Brasilis; ex-Diretor Geral da Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro (ASCINE-RJ, 2007-2009). Atualmente é Coordenador de Produção da ação Cine Mais Cultura (MinC).

rodrigo@cinemaiscultura.org.br; www.cinemaiscultura.org.br